

O CONTEXTO DE MATEUS: UMA ABORDAGEM DAS QUESTÕES INTRODUTÓRIAS AO PRIMEIRO EVANGELHO

Lucas Rangel de Castro Soares³¹¹

RESUMO

Este artigo revisita as principais discussões acerca das questões introdutórias do Evangelho de Mateus. A partir do testemunho antigo e das discussões mais recentes sobre o problema sinótico, a atenção se dirige à autoria, datação e ambientação do primeiro evangelho. Em seguida, são tratados os assuntos da mensagem e do propósito da obra. Por fim, o foco recai sobre a estrutura de Mateus. Os temas tratados estão correlacionados e são basilares para a compreensão do texto. Deste modo, cumpre-se o objetivo de oferecer elementos relevantes para a interpretação de Mateus dentro do seu contexto.

PALAVRAS-CHAVE: MATEUS. PROBLEMA SINÓTICO. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS.

ABSTRACT

This article addresses the trending discussions regarding the preliminary questions of the Gospel of Matthew. Starting from the early church testimony and advancing to the modern discussion of the synoptic problem, this article addresses the authorship, dating, and historical context of the first Gospel. Additionally, it will direct the attention to the message and purpose of the book and, finally, its structure. The topics of this discussion are related to each other, setting the foundation for understanding the text so that, by analyzing such elements, one can grasp a proper and contextual interpretation of Matthew.

KEYWORDS: MATEUS. SYNOPTIC PROBLEM. INTRODUCTORY QUESTIONS

INTRODUÇÃO

Não apenas por ser o primeiro livro do Novo Testamento conforme a ordem canônica, mas também pela significância de seus temas, o Evangelho de Mateus tem papel e posição de destaque. Como ressalta Leonel, “Mateus foi o evangelho mais lido e estudado nos primeiros séculos de vida do cristianismo. Não seria exagero afirmar, aliás, que ajudou a formatar o movimento em seus primórdios.”³¹² Esta ênfase no livro de Mateus se dá por levar ele o nome de um dos apóstolos e, por isso, carregar a autoridade de um texto ligado a uma testemunha ocular de Jesus. A estruturação didática que o evangelho de Mateus apresenta também contribuiu para o grande destaque que recebeu.

³¹¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (2005) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008). Especialista em Revitalização e Multiplicação de Igrejas (CPAJ, 2013), em Teologia do Antigo Testamento (FTSA, 2020) e em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FABAPAR, 2020). Possui Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. Atua como pastor auxiliar na Primeira Igreja Batista de Campo Grande-RJ e como professor na FABAT/Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

³¹² LEONEL, João. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 10.

Além destes dois fatores, os traços judaicos da obra a aproximava dos cristãos de origem judaica enquanto os gentios seriam atraídos por sua ênfase na oferta universal do evangelho.³¹³

O objetivo maior desta pesquisa é levantar respostas às chamadas questões introdutórias ao Evangelho de Mateus. Estas questões são de suma importância para qualquer trabalho exegético relacionado ao primeiro evangelho que se proponha fazer. Uma vez que são questões relacionadas, elas podem ser mais bem analisadas se estudadas em conjunto. Sendo assim, este artigo se preocupa em, primeiramente, apresentar de forma panorâmica as principais discussões acerca de autoria, data e ocasião de composição de Mateus. Em seguida, são tratadas as questões relacionadas ao propósito e à mensagem da obra. Por fim, é feita uma análise das principais propostas concernentes à estrutura do livro. As análises não se pretendem exaustivas, ainda que procurem ser abrangentes no que se refere às diversas correntes acerca dos temas tratados.

1 AUTORIA, DATA E OCASIÃO DE MATEUS E SUA RELAÇÃO COM O PROBLEMA SINÓTICO

Lidar com questões ligadas a autoria e cronologia dos evangelhos sinóticos não é tarefa fácil. Este é um campo vasto de estudo e apresentar, ainda que de forma resumida, todas as nuances do chamado “problema sinótico” transcenderiam o escopo desta pesquisa. Contudo, reconhece-se a impossibilidade de interpretar Mateus sem uma análise mínima da realidade enfrentada pelo autor e pela comunidade que primeiramente leu este Evangelho. Sendo assim, partindo do testemunho do cristianismo antigo, procurou-se, de forma resumida, investigar sobre quem, quando e em quais circunstâncias o Evangelho de Mateus foi escrito.

1.1 O TESTEMUNHO DA IGREJA ANTIGA

Qualquer debate sobre a autoria de Mateus precisa lidar com o testemunho de Papias, bispo de Hierápolis morto em meados do séc. II d.C., conforme foi registrado por Eusébio de Cesareia em sua *Historia Ecclesiastica*. Ali encontra-se a seguinte afirmação: “Mateus escreveu os oráculos divinos na língua hebraica; cada qual os interpretou como pôde.”³¹⁴ Esta oração traduz o original: “Ματθαῖος μὲν οὖν Ἑβραϊδὶ διαλέκτῳ τὰ λόγια

³¹³ Ibid., p. 10.

³¹⁴ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 123.

συνετάξατο, ἡρμήνευσεν δ' αὐτὰ ὡς ἦν δυνατὸς ἕκαστος³¹⁵ (*Matthaios men oun Hebraidi dialektō ta logia sunetaxato, hērmēneusen d' auta hōs ēn dunatos hekastos*³¹⁶). Numa leitura primeira, sobretudo do texto traduzido, é possível compreender o testemunho de Papias como uma declaração de três fatos: (1) Mateus escreveu ou organizou um documento, (2) Este documento estava em dialeto hebraico ou aramaico, e (3) ele foi interpretado como cada intérprete podia.

Ao testemunho de Papias, se seguem outros escritores antigos que confirmam seu testemunho acerca de Mateus e sua obra literária. Acrescenta-se a este testemunho, porém, que alguns importantes autores cristãos da antiguidade acrescentam que o que Mateus teria escrito em língua hebraica ou aramaica seria o seu próprio Evangelho.

Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava. Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o Evangelho pregado por ele. E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia.³¹⁷

Mateus, de fato, pregou primeiro aos hebreus. Como devia também partir para anunciar a palavra a outros, deixou por escrito na língua pátria o evangelho, suprimindo a falta de sua presença por meio dos escritos junto daqueles dos quais se apartava.³¹⁸

De Mateus novamente é dito que, quando aqueles que tinham crido dentre os judeus vieram até ele e o imploraram que os deixassem escrever as mesmas coisas que ele lhes tinha dito por palavra, ele também compôs seu Evangelho na língua dos hebreus.³¹⁹

Estou falando agora do Novo Testamento. Este foi, sem dúvida, composto em grego, com exceção da obra do Apóstolo Mateus, que foi o primeiro a se comprometer a escrever o Evangelho de Cristo, e que publicou sua obra na Judéia em caracteres hebraicos.³²⁰

Deve-se notar que as declarações mencionadas além de confirmar o testemunho de Papias ainda deixam claro que este testemunho se refere ao próprio Evangelho de Mateus em sua forma final. Neste ponto, a ausência de testemunho contrário à escrita por parte de Mateus de uma obra escrita em hebraico ou aramaico sobre Jesus sugere que era

³¹⁵ EUSEBIUS. *The Ecclesiastical History*. London: William Heinemann, 1926. p. 296.

³¹⁶ As palavras gregas são transliteradas neste trabalho segundo o padrão estabelecido em THE SBL Handbook of Style. 2. ed. Atlanta: SBL Press. 2014. p. 59.

³¹⁷ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 173.

³¹⁸ EUSÉBIO DE CESARÉIA, op. cit., p. 107.

³¹⁹ JOHN CHRYSOSTOM. Homilies of St. John Chrysostom, Archbishop of Constantinople on the Gospel according to St. Matthew *In*: SCHAFF, Philip (Org.), *Saint Chrysostom: Homilies on the Gospel of Saint Matthew*. New York: Christian Literature Company, 1888. v. 10. p. 3.

³²⁰ JEROME. Prefaces to the Vulgate Version of the New Testament. *In*: SCHAFF, Philip *et al* (Orgs.), *St. Jerome: Letters and Select Works*. New York: Christian Literature Company, 1893. v. 6. p. 488.

corrente entre a igreja antiga que o primeiro Evangelho teve sua composição original em aramaico e pela pena do apóstolo Mateus.

Estudiosos modernos, contudo, tem destacado as dificuldades presentes no testemunho de Papias e de outros autores antigos. Blomberg aponta para variadas formas de interpretação ao afirmar:

Esse testemunho admite algumas variáveis: (1) Mateus poderia ter ou composto o material de forma mais criativa, ou operado como um editor conservador. (2) Mateus poderia ter: ou escrito aquilo que conhecemos como o seu evangelho, ou compilado uma série de declarações de Jesus que formaram o núcleo de um evangelho posteriormente desenvolvido. (3) Mateus poderia ter: ou escrito em hebraico, ou aramaico. (4) Outros depois de Mateus poderiam ter: ou traduzido obra para o grego que temos hoje, ou discutido sua interpretação sobre a tradução que Mateus mesmo teria feito de sua obra.³²¹

Diante dessas possibilidades, muitas conclusões diferentes têm sido levantadas pelos estudiosos. Alguns afirmam que τὰ λόγια (*ta logia*) é uma referência à fonte Q que teria sido escrita originalmente em aramaico. Outros defendem ser uma alusão a citações do Antigo Testamento que seriam incorporadas ao Evangelho de Mateus. Há quem entenda a expressão Ἑβραϊδὶ διαλέκτῳ (*hebraidi dialektō*) como sendo em “estilo hebraico” e não “idioma hebraico”, referindo-se, portanto, ao estilo semítico encontrado em Mateus e não a um original aramaico. Também é dito que Papias erroneamente pensava que Mateus havia escrito um evangelho primitivo em aramaico.³²² Diante destas propostas, Osborne conclui que “é difícil saber o que Papias realmente quis dizer, mas qualquer estudo profundo de Mateus torna difícil supor que ele poderia ter sido traduzido de um original hebraico/aramaico.”³²³

De outro lado, Mauerohofer considera que a única forma coerente de se interpretar τὰ λόγια (*ta logia*) é como sendo o próprio Evangelho de Mateus em sua forma final. Em defesa de sua opinião, ele aponta para as palavras de Papias citadas por Eusébio acerca do evangelho de Marcos (κυριακῶν λογίων, *kuriakōn logiōn*).³²⁴ Complementado por Linnemann, este argumento questiona o porquê deduzir-se outro documento anterior ao Evangelho de Mateus de τὰ λόγια (*ta logia*), enquanto o uso por Papias da mesma palavra com respeito a Marcos não leva os estudiosos a inferir que este foi produzido a partir de

³²¹ BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos Evangelhos**: Uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2009. pp. 178-179.

³²² OSBORNE, Grant R. **Matthew**. Grand Rapids: Zondervan, 2010. pp. 33-34.

³²³ Ibid., pp. 33-34.

³²⁴ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. p. 83.

uma fonte anterior.³²⁵ Além disso, tendo em vista a circulação do Evangelho de Mateus ser abundante nos dias de Papias, é possível pensar que ele diferenciaria este do livro dos ditos τὰ λόγια (*ta logia*) de Jesus.

Não há como definir com precisão o que Papias quis dizer sobre a origem do primeiro Evangelho. Contudo, não é razoável desprezar o testemunho antigo como sólida evidência externa a favor da autoria de Mateus para o evangelho que traz o seu nome. É preciso também destacar que não há nenhum indício textual da existência de um evangelho de Mateus em hebraico ou aramaico. Além disso, os estudiosos afirmam que o evangelho de Mateus em sua forma atual não é uma tradução o aramaico, mas uma obra que originalmente foi composta em grego.

1.2 MATEUS E O PROBLEMA SINÓTICO

Outro fator relevante para este estudo é o chamado problema sinótico. De forma simples, pode-se dizer que a “questão sinótica trata desse lado-a-lado de concordância e diferenças entre Mateus, Marcos e Lucas. Desde o final do século XVIII ela é um dos problemas mais abordados da ciência neotestamentária.”³²⁶. Se há e de qual natureza são as semelhanças e diferenças entre os três primeiros evangelhos, este é o assunto do problema sinótico. Sobre isso, Nolland declara:

Mateus não faz comentários sobre suas fontes, mas os padrões de semelhança e dessimilaridade entre os três Evangelhos Sinóticos como os temos convenceram o mundo acadêmico de que há dependência, quase certamente a nível literário, entre os três Evangelhos.³²⁷

Nesta direção, Blomberg afirma que não é possível negar o problema sinótico por quatro razões:

Primeiro, o paralelismo entre dois evangelhos é muitas vezes literal em relação a orações e frases inteiras, e, mais comumente, idêntico, com exceção de uma ocasional substituição por uma palavra diferente de mesma raiz, um sinônimo ou uma leve mudança na ordem das palavras.

Segundo, é notável, em especial com as declarações de Jesus, que o paralelismo verbal ocorra em grego, isto é, na tradução do aramaico em que Jesus originalmente falara.

Terceiro, a concordância entre os sinóticos se estende para os comentários parentéticos ou digressões explicativas acrescentadas por um autor particular.

³²⁵ LINNEMANN, Eta. **A Crítica Bíblica em Julgamento**: Até que Ponto a “Teologia Científica” é Mesmo Científica?. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. pp. 20-21.

³²⁶ RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998. p. 21.

³²⁷ NOLLAND, John, **The Gospel of Matthew**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2005. p. 4.

Quarto, o paralelismo também envolve a ordem dos episódios que não estão reunidos cronologicamente.³²⁸

Há investigações antigas sobre a relação entre os evangelhos. Remontam a Taciano e seu *Diatessaron*, uma tentativa de elaborar uma harmonização dos evangelhos.³²⁹ Agostinho de Hipona também se preocupou com esta questão, ao publicar sua obra *De Consensu Evangelistarum* na qual ele defende que a ordem de composição dos evangelhos foi, primeiro, Mateus e depois Marcos, Lucas e João.³³⁰ Desde Taciano e Agostinho, a questão sinótica desponta como difícil tema para os estudiosos do Novo Testamento.³³¹ Nos séculos XVIII e XIX, o problema sinótico atraiu a atenção de eruditos como J. J. Griesbach.³³² Schleiermacher foi quem levantou pela primeira vez a hipótese de ter existido um documento fonte (Q do alemão *Quelle*) que conteria τὰ λόγια (*ta logia*) de Jesus e, juntamente com Marcos, teria dado origem ao evangelho de Mateus. Posteriormente esta proposta seria desenvolvida por Weiss que fundaria a teoria das duas fontes na qual defende que Marcos e Q são as fontes principais para a composição de Mateus e Lucas.³³³

Entre os estudiosos, esta abordagem da questão sinótica é majoritária, mas não unânime. A posição de Konings expressa como a crítica histórica tem lidado com a datação e a inter-relação literária entre Marcos, Mateus e Lucas:

Nos anos 30-60 d.C. ter-se-iam cristalizado, primeiro na pregação oral e depois por escrito, pequenas unidades e breves coleções de sentenças do Mestre Jesus e também de suas principais atividades, sobretudo os milagres que comprovavam a autoridade de sua palavra. Entre essas coleções, uma pôde ser identificada a partir de seu uso em Mt e Lc: a fonte que os eruditos alemães chamaram de *Logienquelle*, ou *Quelle*, a “fonte dos ditos” (de Jesus) contendo ditos de João Batista e de Jesus. Não continha o relato da paixão, morte e ressurreição, o qual, por outro lado, era devidamente conhecido pela pregação oral e pela celebração eucarística.

Por volta de 65-70 d.C., Marcos teria redigido por escrito a tradição narrativa a respeito de Jesus. Surgiu assim o primeiro evangelho escrito dentre os que nos foram conservados. Depois da destruição do Templo, por volta de 80, Mt e Lc teriam escrito os seus evangelhos, independentemente um do outro, porém usando as mesmas fontes literárias, a saber, as duas acima mencionadas [...].

³²⁸ BLOMBERG, 2009, pp. 117-118.

³²⁹ BRUCE, F. F. **O Cânon das Escrituras**: Como os Livros da Bíblia Vieram a Ser Reconhecidos como Escrituras Sagradas?. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 116.

³³⁰ AUGUSTINE OF HIPPO. The Harmony of the Gospels. In: SCHAFF, Philip (Org.), **Saint Augustin: Sermon on the Mount, Harmony of the Gospels, Homilies on the Gospels**. New York: Christian Literature Company, 1888. v. 6. p. 78.

³³¹ MAUERHOFER, 2010, p. 195.

³³² BLOMBERG, op. cit., p. 107.

³³³ LINNEMANN, 2001, pp. 22-23.

Além destas duas fontes literárias (Mc e Q), Mt e Lc apresentam cada qual matérias particulares, que podem provir das tradições particulares ou da própria atividade redatorial (a “redação”) dos respectivos evangelistas.³³⁴

Exegetas conservadores aderentes à teoria das duas fontes tem relativizado alguns destes argumentos a fim de não excluir a atuação de testemunhas oculares na composição dos evangelhos. Como dito, não há pleno consenso nesta questão. Pelo contrário, podem ser encontrados diversas fraquezas na teoria concebida por Weisse. Blomberg resume as fraquezas da teoria da fonte Q, lembrando que este documento jamais foi encontrado, sendo meramente hipotético. Além disso, não há acordo entre os proponentes da fonte Q acerca da delimitação exata de seu conteúdo e estrutura. Por isso, alguns estudiosos preferem a possibilidade de Mateus e Lucas terem apenas uma tradição oral comum acompanhada de escritos breves que lhes serviram de auxílio na composição de seu evangelho.³³⁵

Linnemann vai além ao propor que os evangelhos foram compostos de forma independente do ponto de vista literário e cujas semelhanças e diferenças são oriundas do registro das palavras e ações de Jesus por parte de testemunhas oculares (Mateus e João) ou daqueles que receberam a informação de testemunhas oculares (Marcos e Lucas). Para esta erudita não há nem evidência nem necessidade de se propor uma fonte Q que tenha subsidiado a composição de Mateus e Lucas³³⁶.

Revisitando a proposta de J. J. Griesbach, Mauerhofer³³⁷ propõe uma alternativa à teoria das duas fontes na qual é mantida a prioridade de Mateus. Para ele, após a vida de Jesus, sucedeu-se uma fase de proclamação dos apóstolos e o estabelecimento de uma “tradição apostólica” (a partir de 30 d.C.). Na década de 40, Mateus escreveu seu evangelho em aramaico. Por volta do ano 60, Lucas escreveu seu evangelho e, valendo-se de Mateus, Marcos escreveu sua obra entre 64 a 67 d.C. Por fim, o evangelho de Mateus foi traduzido para o grego antes do ano 100 d.C.

Diante de problema tão complexo, parece que France oferece uma visão equilibrada que pode ser útil nas discussões que se seguem:

O debate recente tornou impossível afirmar que a simples “hipótese de dois documentos” é uma solução total para o problema. Os dados provaram ser muito complexos e multifacetados para isso. Mas, por outro lado, não posso explicar como o Evangelho de Marcos poderia ser escrito por alguém que tinha

³³⁴ KONINGS, Johan, **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**, São Paulo: Loyola, 2005, p. x.

³³⁵ BLOMBERG, 2009, p. 123.

³³⁶ LINNEMANN, 2011, p. 27.

³³⁷ MAUERHOFER, 2010, pp. 228-229.

o evangelho muito mais completo de Mateus na sua frente [...]. As notáveis “omissões” em seu evangelho, portanto, fazem muito mais sentido se ele não tivesse Mateus (e Lucas), ou os materiais que eles usavam, diante de si. Em outras palavras, continuo acreditando na prioridade de Marcos. Mas concluir que Marcos não usou Mateus não necessariamente leva à visão de que Mateus “usou” Marcos, no sentido de que ele se sentou com uma cópia do evangelho de Marcos na sua frente e conscientemente “editou”, alterando, acrescentando e omitindo. A simples abordagem x copiou y para o Problema Sinóptico que caracterizou muitas das “soluções” propostas me parece mais apropriada para um estudo acadêmico moderno do que para o mundo real da tradição da igreja do primeiro século. Inclino-me para a visão [...] que teorias puras de dependência literária [...] provavelmente não farão justiça aos dados variados dos textos sinóticos e que devemos pensar em um processo mais fluído de influência mútua entre os vários centros de escrita cristã dos evangelhos enquanto as pessoas viajavam ao redor do império, visitando e consultando uns aos outros. Nesse cenário, os Evangelhos Sinóticos podem ser melhor vistos como desenvolvimentos ao menos parcialmente paralelos das tradições comuns, em vez de colocados em uma simples linha de “dependência”. [...] Marcos deve ser entendido como o evangelho fundamental entre os três, mas isso está longe de exigir que assumamos que os detalhes de conteúdo do evangelho de Mateus são sempre simplesmente cópias ou edições do texto de Marcos na forma final em que o conhecemos. E quanto a um documento unitário “Q”, estou entre o crescente número de estudiosos que acham uma hipótese simplista e improvável. Fico satisfeito em falar sobre a “tradição Q” (que pode ter sido oral ou escrita e não necessariamente toda reunida em uma única fonte), mas não sobre Matthew “editar Q” querendo dizer que foram feitas alterações em um texto supostamente fixo (que em qualquer caso não está disponível para nós). E temo que debates ainda mais esotéricos e hipotéticos sobre “a comunidade Q” ou “recensões de Q” me causem arrepios!

Dada essa compreensão do Problema Sinóptico, estou mais relutante do que muitos outros intérpretes em falar simplesmente de como Mateus “editou” o material de Marcos ou tentar discernir no material de Q como Mateus “adaptou” a tradição comum. Considero os paralelos marcano e lucano como outras testemunhas das tradições que Mateus tinha disponível, mas não necessariamente como suas fontes diretas. Onde ele difere deles pode ser porque ele está deliberadamente alterando a tradição como eles a gravaram, mas também pode ser porque ele recebeu a tradição de uma forma bastante diferente. Este comentário chamará a atenção para as diferenças entre os relatos sinóticos onde ajudam a destacar a contribuição distinta de Mateus, mas sem assumir sempre dependência direta e, portanto, deliberada alteração de uma tradição já formulada. Os resultados podem, em muitos casos, ser bastante semelhantes aos que teriam sido alcançados por uma abordagem mais rígida do tipo x copiou y, mas é provável que sejam expressos com mais cautela.³³⁸

A fim de enfrentar as questões que seguem, é necessário sintetizar o que foi exposto até aqui. Primeiramente, o testemunho antigo favorece a prioridade do Evangelho de Mateus enquanto a pesquisa mais recente propõe que Marcos foi escrito primeiro e serviu de fonte para os demais sinóticos. Em segundo lugar, a possibilidade de ter existido um documento estabilizado que foi usado como fonte por Mateus e Lucas limita-se ao campo das hipóteses. A falta de evidências concretas em favor da fonte Q já tem despertado alguns eruditos a repensar a teoria das duas fontes como estabelecida há

³³⁸ FRANCE, R. T. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publication Co., 2007. pp. 20-22.

duzentos anos. Em terceiro lugar, a relação literária entre os sinóticos não exige ser explicada por fontes escritas estáveis, mas pode se justificar tanto na tradição oral quanto em anotações fragmentárias que serviram de auxílio na composição dos evangelhos por testemunhas oculares ou seus seguidores. Neste ponto, parece que a teoria de independência quase total entre os evangelhos não é preferível.

1.3 A AUTORIA DO EVANGELHO DE MATEUS

Delineado o problema sinótico, é possível avançar para a questão da autoria. O autor do primeiro Evangelho é o próprio apóstolo Mateus ou outra pessoa? Assim como os demais evangelhos, Mateus é uma obra anônima. Leonel defende a opinião de que as evidências internas não são conclusivas para se definir a autoria do texto.³³⁹ Mateus é mencionado duas vezes no evangelho (Mt 9.9; 10.3), contudo sem qualquer indicação de que o antigo cobrador de impostos que se tornara discípulo de Jesus seja ou não o autor do livro. Há quem diga que Mateus 13.52 possa ser uma autorreferência do autor e “escriba” seja uma alusão à antiga atividade de cobrador de impostos. Podem significar algo, porém são referências muito vagas para se chegar a qualquer conclusão.

Resta buscar informações sobre a autoria nas evidências externas. Segundo Mauerhofer, há abundância de testemunhos nos manuscritos antigos do título KATA MAΘΘΑΙΟΝ (*KATA MATHTHAION*) aplicado ao primeiro evangelho.³⁴⁰ Isso significa que desde muito cedo este evangelho gozava de amplo reconhecimento. Isso se associa a todo o testemunho de escritores antigos acerca da autoria mateana do primeiro evangelho. Desde Papias há consistentes relatos de que Mateus é o autor do livro que leva seu nome. Contudo, na esteira do surgimento dos métodos críticos, a visão tradicional acerca dos autores dos evangelhos foi confrontada.

Luz exemplifica esta posição uma vez que nega a autoria mateana ao mesmo tempo que reconhece que a tradição que atribui a Mateus a autoria do primeiro Evangelho remonta os idos do ano 100 d.C. ainda antes dos escritos de Papias (c.125 d.C.). Ele chega a insinuar que a “hipótese normal” contra a autoria mateana liga o *Inscriptio* de Mateus a uma atribuição secundária que levaria em conta a evidência interna de Mateus 9.9 e 10.3. Porém, se já no ano 100 d.C. o apóstolo Mateus era amplamente considerado o autor do Evangelho, “isso deixa pouco tempo para atribuir ao apóstolo um livro originalmente

³³⁹ LEONEL, 2014, pp. 16-17.

³⁴⁰ MAUERHOFER, 2010, p. 79.

anônimo ou um livro que veio de um cristão judeu desconhecido chamado Mateus.”³⁴¹ Ainda assim, este comentarista nega que Mateus possa ter sido o autor, uma vez que uma testemunha ocular não usaria a obra de outro como fonte principal de seu escrito evangélico. Para Luz, o autor do evangelho pode ter sido alguém que exerceu uma função em sua comunidade, talvez como mestre, e se expressava em estilo judaico e num grego de bom nível. Ainda que provavelmente tivesse recebido algum tipo de treinamento na sinagoga, este autor não seria um escriba com preparo na exegese rabínica.³⁴²

Também na linha contrária à autoria mateana, Nolland acrescenta que a composição do primeiro Evangelho pelo apóstolo Mateus, embora nunca questionada nos primeiros séculos, é muito improvável. Uma coleção dos ditados de Jesus feitos pelo apóstolo Mateus pode ter deixado sua marca no livro de Mateus canônico, mas nem disso podemos ter certeza. Aqueles que leram Mateus pela primeira vez sem dúvida saberiam quem o escreveu, mas, como seu uso se tornou generalizado e sua autoridade se estabeleceu, a questão da autoria teria se perdido de vista.³⁴³

A argumentação de Luz e Nolland parece depender, em primeiro lugar, da dependência literária de Mateus em relação a Marcos e, em segundo lugar, da interpretação de que τὰ λόγια (*ta logia*) mencionada por Papias limita-se a uma coleção de ditos de Jesus e não à totalidade do evangelho canônico. Como exposto acima, estes fatores apresentam múltiplas interpretações plausíveis e não devem ser tomadas como questão fechada. Por esta razão, é razoável considerar a possibilidade de Mateus, o publicano chamado para ser apóstolo de Jesus, ter escrito o primeiro evangelho.

Favorável a considerar Mateus o autor do evangelho, Osborne apresenta alguns argumentos que merecem ser considerados. Sobre um apóstolo não depender dos escritos de Marcos, deve-se responder que, conforme Papias, Marcos escreveu sob a orientação de Pedro e não há razão para considerar impossível que Mateus usasse de qualquer material que ele, na qualidade de testemunha ocular, considerasse fidedigno com os acontecimentos que ele presenciou ou foi informado de primeira mão. Por isso, não deve ser rapidamente descartado o uso de Marcos (ou até mesmo da “fonte Q”) por Mateus, uma vez que ele teria condições de avaliar o material à luz de seu próprio testemunho.³⁴⁴ Além disso, deve-se levar em conta outras soluções propostas ao problema sinótico, tais

³⁴¹ LUZ, Ulrich. **Matthew 1–7**. Minneapolis: Fortress Press, 2007. p. 59.

³⁴² Ibid., p. 60.

³⁴³ NOLLAND, 2005, p. 4.

³⁴⁴ OSBORNE, 2010, p. 34.

como o uso de fontes de tradição oral ou a prioridade de Mateus. De qualquer forma, os argumentos de Luz e Nolland para rejeitar a autoria mateana não são inabaláveis.

Questões literárias e de ambiência são ainda mais dúbias. Apelar para o bom grego do primeiro evangelho não é suficiente para provar nem a autoria de Mateus nem a de qualquer outro. Os judeus da Galileia cresciam com gentios de fala grega e latina ao redor. Como cobrador de impostos, Mateus teria de conhecer bem o grego. De modo algum o texto exige um *Sitz im Leben* de ruptura entre cristianismo e judaísmo que marcou a década de 80 do primeiro século. As tensões entre os primeiros cristãos e as sinagogas já era vista desde os primeiros anos de expansão do cristianismo e caracterizou inclusive o próprio ministério de Jesus.³⁴⁵ Em resumo,

A aceitação unânime da autoria mateana no início da igreja não pode ser tão facilmente descartada. O nível do grego, as qualidades literárias do livro e toda sua orientação cristã judaica se aproximam da atribuição dele [do primeiro Evangelho] a Mateus. Por que a igreja esqueceria tão rapidamente (entre 50 a sessenta anos de sua escrita) a pessoa que a escreveu, e por que seria atribuída a um apóstolo menor (até onde sabemos) como Mateus se isso não fosse verdade. Nunca podemos ter certeza de quem escreveu, mas há pouca razão para duvidar do testemunho dos primeiros Pais da Igreja.³⁴⁶

1.4 A DATA E A OCASIÃO DO EVANGELHO DE MATEUS

Sobre a data em que o Evangelho de Mateus foi escrito, Davies e Allison registram em seu comentário vinte e um posicionamentos diferentes entre eruditos desde o século XVII até a atualidade. As opções vão desde a década de 40 d.C. até depois do ano 100 d.C. Desta análise eles destacam que a erudição do século XX tem rejeitado uma datação de Mateus para além do séc. I. Observam também que, dentre os estudiosos pesquisados, a opinião majoritária é por uma datação no último quarto do século primeiro. Por fim, destacam que atualmente há uma minoria significativa que prefere uma data antes de 70 d.C.³⁴⁷

As evidências externas deixam claro que o limiar do século I representa o *terminus ad quem* para a datação de Mateus. Conforme discussão anterior, a estes dias já era de conhecimento geral entre os cristãos a existência de um ΕΥΑΓΓΕΛΙΟΝ ΚΑΤΑ ΜΑΘΘΑΙΟΝ³⁴⁸ (*KATA MATHTHAION*). Sobre um possível *terminus a quo*, o debate é

³⁴⁵ Ibid., p. 34.

³⁴⁶ Ibid., pp. 34-35.

³⁴⁷ DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C., Jr. **A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew**. London; New York: T&T Clark International, 2004. pp. 127-128.

³⁴⁸ LUZ, 2007, p. 59.

mais desafiador. Pinto afirma que, “uma vez que o livro contém a predição da destruição de Jerusalém por Jesus (Mt 24.1–28), deve ser datado de antes de a.D. 70.”³⁴⁹ Há quem observe, porém, que em Mateus 22.1-14, na parábola do banquete de casamento, somente Mateus informa que os convidados originais para o banquete do rei, “agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade” (Mt 22.6-7). Alguns interpretam essas palavras como um indício de que a destruição de Jerusalém já havia ocorrido por reação dos romanos à revolta judaica (66-70 d.C.). Contudo, esta leitura não é necessária.³⁵⁰

O testemunho de Irineu de Lião pode trazer luz a esta questão: “Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja.”³⁵¹ Ainda que a referência ao evangelho escrito na língua dos judeus gere alguma dificuldade, esta parece ser uma referência cronológica que carrega um peso substancial e coloca a composição do evangelho de Mateus antes da destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C. France traz uma perspectiva adequada ao afirmar:

Uma data antes de 70 para Mateus continua sendo uma visão minoritária, mas que tem sido fortemente apoiada, sendo geralmente descartada não tanto por argumentos específicos, mas com base na preferência por um esquema geral de datação. A questão não é de grande importância exegética na maior parte do evangelho, mas afeta claramente a avaliação do tema anti-templo, que é uma ênfase proeminente em Mateus.³⁵²

Sendo assim, faz mais sentido situar a composição do primeiro evangelho antes da destruição do Templo de Jerusalém. Contribui para este posicionamento a presença de dados em Mateus que se encaixam melhor no período anterior a 70 d.C. Somente Mateus trata do imposto (Mt 17.24-27), das ofertas (Mt 5.23-24) e dos rituais (Mt 23.16-22) do templo. Este Evangelho enfatiza os embates de Jesus contra os saduceus, que só desfrutaram de prestígio e influência enquanto existia Templo. Como afirma Blomberg, “as evidências estão delicadamente equilibradas, mas acreditamos haver um leve peso a favor de uma datação nos anos sessenta.”³⁵³

Esta contextualização do Evangelho de Mateus deve cobrir também informações gerais sobre os primeiros leitores do livro, aqueles a quem o autor procurou alcançar com

³⁴⁹ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso, **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**, 2a Edição revisada e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 34.

³⁵⁰ BLOMBERG, 2009, p. 176.

³⁵¹ IRINEU DE LIÃO, 2014, p. 173.

³⁵² FRANCE, 2007, p. 19.

³⁵³ BLOMBERG, 2009, pp. 175-178.

sua mensagem. Esta é uma questão duplamente importante para este trabalho. De um lado, lidar com a condição do público original desta obra ajuda a compreender melhor o que o autor intentou comunicar. Por outro lado, como defende Bosch, Mateus é “essencialmente um texto missionário. [...] Mateus se pôs a escrever seu evangelho [...] para oferecer orientação a uma comunidade em crise quanto à maneira como deveria entender sua vocação e missão.”³⁵⁴

Tanto evidências internas quanto externas sinalizam para uma audiência judaica.³⁵⁵ Alguns situam estes leitores na Palestina, outros em Antioquia da Síria. Ainda que não seja possível determinar com precisão em que cidade ou região vivessem os leitores de Mateus, é possível inferir que esta é uma comunidade judaico-cristã ou prestes a romper de modo substancial com o judaísmo como um todo, ou exatamente se recuperando disso.³⁵⁶ Pinto também destaca que os leitores de Mateus necessitavam compreender a messianidade de Jesus e o programa do Reino que ele veio implantar. Há também no evangelho indicativos de uma perspectiva e preocupação universais.³⁵⁷

A título de conclusão desta discussão, cabe sintetizar o que foi analisado até aqui. O testemunho antigo e os debates relacionados ao problema sinótico descortinam uma ampla gama de possibilidades quanto a questões envolvendo autoria, data e leitores originais. Todos estes pontos estão entrelaçados de modo que uma resposta depende da outra. Pela argumentação apresentada, é possível trabalhar a partir da assunção que Mateus, o apóstolo, é o autor do Evangelho; que ele foi escrito na segunda metade da década de sessenta d.C.; e que os leitores originais eram cristãos judeus que enfrentavam desafios ligados a um relacionamento cada vez mais conflituoso com a Sinagoga. Pode ser útil reconhecer alguma relação literária entre os sinóticos, sem, contudo, aceitar que isso implique em absoluta dependência entre os autores.

2 PROPÓSITO E MENSAGEM

Toda obra é escrita com um propósito. Ao se analisar um texto bíblico, o objetivo do exegeta é chegar o mais próximo possível do que o autor intencionou comunicar

³⁵⁴ BOSCH, D.J. **Missão Transformadora**: Mudanças de paradigma na teologia da missão. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 83.

³⁵⁵ BLOMBERG, op. cit., p. 175; PINTO, 2014, p. 34.

³⁵⁶ BLOMBERG, op. cit., p. 175.

³⁵⁷ PINTO, op. cit., p. 35.

através de seu escrito. Voltando os olhos para o Evangelho de Mateus, é certo que, motivado principalmente pelas necessidades de seus leitores originais, o evangelista procurou suprir tais necessidades pastorais enquanto transmitia o ensino acerca da vida e da obra de Jesus.

Bosch procura interagir com o *Sitz im Leben* da comunidade de cristãos judeus à qual Mateus se dirige. Ele percebe que “a preocupação primordial de Mateus não é simplesmente ajudar sua gente a lidar com as novas pressões com que se confrontam, mas assisti-los a desenvolver um etos missionário que esteja à altura dos desafios de uma nova época.”³⁵⁸ Para isso, Mateus procura estender a “lógica do ministério de Jesus” para a realidade de seus leitores. A temática da universalidade do Evangelho do Reino ganha sentido uma vez que Mateus espera que os cristãos judeus não mais se considerem uma seita do judaísmo, mas assumam sua identidade como a igreja de Cristo, o “verdadeiro Israel”³⁵⁹. Assim, Bosch destaca o caráter pastoral, eclesiológico e missiológico do primeiro evangelho.

Hendriksen observa também um propósito evangelístico em Mateus ao defender que, de maneira geral, “o propósito desse Evangelho foi conquistar plenamente os judeus para Cristo”, conquistando os não convertidos e nutrindo os já convertidos.³⁶⁰ Ao mesmo tempo que reconhece nos judeus o público-alvo de Mateus, Hendriksen também destaca que a evangelização de todas as nações é um propósito específico do primeiro Evangelho.³⁶¹

Osborne identifica pelo menos quatro propósitos principais para o Evangelho de Mateus. O primeiro e mais óbvio é contar a história de Jesus. O Segundo propósito tem caráter apologético e evangelístico. Apologético, uma vez que Jesus constantemente é apresentado em contraste com os líderes religiosos, sobre os quais sempre se mostra superior, seja no ensino, seja no conhecimento da Lei. Evangelístico, uma vez que Mateus não pretende provar que os judeus estão errados, mas ganhá-los sem deixar de ressaltar sua rejeição do Messias. Esta rejeição produz dois efeitos: juízo sobre o povo judeu e a retirada das promessas do Reino que agora são dadas ao remanescente fiel e aos gentios. O terceiro propósito identificado é explorar o verdadeiro significado da realidade do Reino inaugurado por Jesus. O quarto e último propósito de Mateus identificado por

³⁵⁸ BOSCH, 2002, p. 84.

³⁵⁹ Ibid., p. 84.

³⁶⁰ HENDRIKSEN, William, **Mateus**, 2. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010, p. 129.

³⁶¹ Ibid., p. 130.

Osborne é a catequese dos judeus convertidos.³⁶²

Este último aspecto é destacado por Keener: “Alguns estudiosos creem que esse Evangelho, ou alguma de suas fontes, era usado como manual de treinamento para cristãos recém-convertidos (Mt 28.19).”³⁶³ Em sua opinião, Mateus é enfático ao deixar claro que Jesus é o cumprimento das promessas das Escrituras ao mesmo tempo que ressalta a missão a todas as nações.³⁶⁴

De forma precisa e, ao mesmo tempo, sucinta, Pinto resume o propósito do primeiro Evangelho:

Eventos e ensinamentos selecionados do ministério público e particular de Jesus foram registrados para provar a uma audiência judaica que Jesus de Nazaré era o Messias prometido de Israel, e para esclarecer o programa divino para o Reino nesta presente era, à luz da ultrajante rejeição do Rei-Messias por Israel.³⁶⁵

Este mesmo autor destaca que a mensagem de Mateus envolve um elemento escatológico: “A rejeição do Rei dos judeus estende as bênçãos do Reino prometido a todas as nações na expectativa de seu estabelecimento definitivo.”³⁶⁶

Uma característica comum às propostas dos autores apresentados são os elementos missionário e pastoral. Mateus é o Evangelho do discipulado. Ao mesmo tempo que catequiza, evangeliza. Enquanto cuida, envia. Oferece esperança, mas também alerta contra o juízo. Exorta a incredulidade do judeu enquanto chama o gentio a fazer parte da comunidade do Reino. Mateus foi escrito para atingir além dos leitores originais, para servir como convite à vida discipular: chama gente de toda nação para fazer parte do “novo Israel”, enquanto prepara este povo escatológico para cumprir sua missão.

3 ESTRUTURA

Compreender a estrutura é importante para a interpretação porque permite analisar as partes à luz do todo. Como Mateus desenvolve seu propósito? Como ele organiza seu argumento? Quais são as seções principais do texto e seu papel em comunicar a mensagem do livro? Estas perguntas podem encontrar respostas na identificação da

³⁶² OSBORNE, 2010, pp. 31-33.

³⁶³ KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 44.

³⁶⁴ Ibid., pp. 44-45.

³⁶⁵ PINTO, 2014, p. 37.

³⁶⁶ Ibid., p. 61.

estrutura do Evangelho. Contudo, nem sempre é fácil descobrir uma estruturação que se adeque de fato ao texto. No caso de Mateus, muitas já foram as propostas apresentadas pelos estudiosos.

Turner e Bock³⁶⁷ sintetizam as tentativas de se identificar a estrutura do primeiro Evangelho. Uma abordagem comum é aplicar a estrutura básica de Marcos a Mateus. Ainda que artificial, esta abordagem tem o mérito em dar um panorama geral da vida e ministério de Jesus. Outra maneira de estruturar o evangelho de Mateus é valer-se da expressão “Ἀπὸ τότε ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς” (*Apo tote ērxato ho Iēsous*, “Desde então, passou Jesus a...”)) que ocorre em dois momentos cruciais do evangelho. Em Mateus 4.17, esta expressão marca o início do ministério público de Jesus. Em Mateus 16.21, as mesmas palavras caracterizam o ministério messiânico de Jesus ao registrar que “desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas [...] ser morto e ressuscitado no terceiro dia”. Esta abordagem resulta numa estrutura tripla para o evangelho de Mateus:

I. A Preparação de Jesus, o Messias (Mt 1:1-4:16)

II. Proclamação de Jesus, o Messias (Mt 4:17-16:20)

III. A Paixão de Jesus, o Messias (Mt 16:21-28:20)

Esta estrutura acaba por não captar as particularidades do primeiro Evangelho em relação aos demais sinóticos. Além disso não leva em conta a evidente alternância entre narrativa e discurso tão característica da obra de Mateus.

Os estudiosos do primeiro Evangelho há muito percebem a presença de materiais narrativos e discursos alternando-se durante o relato evangélico. Cada uma das transições entre discurso e narrativa é marcada por “Καὶ ἐγένετο ὅτε ἐτέλεσεν ὁ Ἰησοῦς” (*Kai egeneto hote etelesen ho Iēsous*; cf. Mt 7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1). Este padrão é tão marcante que fez com que B. W. Bacon elaborasse “a teoria do pentateuco” na qual defende que o Evangelho de Mateus é uma contrapartida à Torah, de modo que os cinco livros da Lei correspondem a cada seção de Mateus. A proposta de Bacon apresenta alguns problemas, por isso, tem perdido influência.³⁶⁸

Adaptada de Turner e Bock³⁶⁹, a estrutura abaixo parece fazer jus à alternância

³⁶⁷ TURNER, David; BOCK, Darrell L. **Cornerstone biblical commentary: Matthew and Mark**. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2005. v. 11. pp. 10-12. A discussão que se segue é baseada na exposição destes autores.

³⁶⁸ DAVIES; ALLISON, 2004, p. 59.

³⁶⁹ TURNER; BOCK, 2005, pp. 11-12.

entre narrativa e discurso de maneira equilibrada:

- I. Prólogo/Introdução: Origem de Jesus, o Messias (Mt 1.1-2.23)
- II. Os Primeiros Dias do Reino - Palavra e Ação (Mt 3.1-7.29)
 - A. Narrativa 1: João, Jesus e o Reino de Deus (Mt 3.1-4.25)
 - B. Discurso 1: O Sermão na Montanha (Mt 5.1-7.29)
- III. A continuação do ministério galileu (Mt 8.1-11.1)
 - A. Narrativa 2: Milagres e discipulado (Mt 8.1-10.4)
 - B. Discurso 2: Missão e sofrimento (Mt 10.5-11.1)
- IV. Crescente oposição ao Reino dos Céus (Mt 11.2-13.52)
 - A. Narrativa 3: Graça em meio a controvérsia e rejeição (Mt 11.2-12.50)
 - B. Discurso 3: Parábolas do Reino dos Céus (Mt 13.1-52)
- V. A oposição ao Reino se intensifica (Mt 13.53-19.1)
 - A. Narrativa 4: Várias respostas ao Filho de Deus (Mt 13.53-17.27)
 - B. Discurso 4: Vida e relacionamentos no Reino dos Céus (Mt 18.1-19.1)
- VI. A oposição vem à tona: Ministério na Judéia (Mt 19.2-26.2)
 - A. Narrativa 5: Ministério na Judéia (Mt 19.2-23.39)
 - B. Discurso 5: O Julgamento de Jerusalém e a volta de Cristo (Mt 24.1-26.2)
- VII. Epílogo/Conclusão: Paixão, Ressurreição e Comissão (Mt 26.3-28.20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação procurou apontar respostas a questões relacionadas a autoria, data, ocasião, propósito, mensagem e estrutura do Evangelho de Mateus. A partir de um levantamento de dados que leve em consideração tanto o testemunho antigo quanto os desenvolvimentos da pesquisa recente, é possível concluir que tanto a autoria do evangelho pelo próprio apóstolo Mateus ainda na década de 60 d.C. quanto a existência de alguma relação literária entre os sinóticos são possibilidades reais e que atendem às demandas dos dados oriundos da Igreja Antiga. Estes dados não encontram por si só elementos que os desacreditem, como tem sido a abordagem de intérpretes críticos há mais de dois séculos. Uma vez reconhecida a procedência mateana, é notável que tanto mensagem quanto propósito do evangelho estão ligados à evangelização de judeus e ao cuidado dos novos convertidos. Mateus apresenta Cristo inaugurando e formando seu “novo Israel” que deveria cumprir seu papel de alcançar todas as nações. Assim sendo, o livro se estrutura em uma mescla planejada de atos e discursos de Jesus que, ao mesmo tempo que comprovam sua messianidade, tem no discipulado um fio condutor: o Cristo

que fez discípulos, espera que seus seguidores se multipliquem através do discipulado que transcende os limites geográficos ou étnicos de Israel.

Todos estes elementos são valiosos para o trabalho exegético e teológico em Mateus. Sendo assim, este artigo cumpre seu propósito de contextualizar o evangelho a partir de suas questões introdutórias. Ao mesmo tempo, há ainda muito campo de pesquisa relacionada aos temas aqui apresentados. Ainda não há resposta final à declaração de Papias quanto ao “evangelho hebraico” que teria sido escrito por Mateus. Da mesma forma, uma datação e ambientação mais precisos de Mateus e a comunidade receptora de seu evangelho significariam melhores subsídios para os intérpretes. De todo modo, este artigo se apresenta como um resumo do estado da pesquisa quanto aos temas apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGUSTINE OF HIPPO. The Harmony of the Gospels. *In*: SCHAFF, Philip (Org.). **Saint Augustin**: Sermon on the Mount, Harmony of the Gospels, Homilies on the Gospels. New York: Christian Literature Company, 1888. v. 6.
- BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos Evangelhos**: Uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- BOSCH, D.J. **Missão Transformadora**: Mudanças de paradigma na teologia da missão. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRUCE, F. F. **O Cânon das Escrituras**: Como os Livros da Bíblia Vieram a Ser Reconhecidos como Escrituras Sagradas?. São Paulo: Hagnos, 2011.
- DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C., Jr. **A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew**. London; New York: T&T Clark International, 2004.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- EUSEBIUS. **The Ecclesiastical History**. London: William Heinemann, 1926.
- FRANCE, R. T. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publication Co., 2007.
- HENDRIKSEN, William. **Mateus**. 2. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010.
- IRINEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- JEROME. Prefaces to the Vulgate Version of the New Testament. *In*: SCHAFF, Philip; WACE, W. H. (Orgs.). **St. Jerome: Letters and Select Works**. New York: Christian Literature Company, 1893. v. 6.
- JOHN CHRYSOSTOM. Homilies of St. John Chrysostom, Archbishop of Constantinople on the Gospel according to St. Matthew. *In*: SCHAFF, Philip (Org.). **Saint Chrysostom**: Homilies on the Gospel of Saint Matthew. New York: Christian Literature Company, 1888. v. 10.
- KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São

Paulo: Vida Nova, 2017.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola, 2005.

LEONEL, João. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2014.

LINNEMANN, Eta. **A Crítica Bíblica em Julgamento: Até que Ponto a “Teologia Científica” é Mesmo Científica?**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

LUZ, Ulrich. **Matthew 1–7**. Rev. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

NOLLAND, John. **The Gospel of Matthew: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2005.

OSBORNE, Grant R. **Matthew**. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

PINTO, Carlos Osvaldo C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2014.

RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998.

TURNER, David; BOCK, Darrell L. **Cornerstone biblical commentary: Matthew and Mark**. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2005. v. 11.

THE SBL Handbook of Style. 2. ed. Atlanta: SBL Press, 2014.